

# A casa do dono

## Perenidade doutrinal de S. Martinho de Dume

A Festa litúrgica de S. Martinho de Dume, Padroeiro da Arquidiocese, é oportunidade para que o seu sucessor manifeste algumas intenções e solicite à comunidade uma vontade sincera de as acolher.

Da maravilhosa doutrina de S. Martinho, encontro na “Regra da Vida Virtuosa” um texto que me consciencializa sobre a missão que nos toca neste momento de viragem histórica. Ele teve um povo novo – os suevos – a evangelizar. Hoje, o povo é o mesmo, mas são novas as realidades sociais, familiares, económicas, culturais e religiosas.

Para alguns membros da Igreja, o temor do amanhã é o sentimento mais comum. Para mim, temos entre mãos uma graça que não podemos desperdiçar, que não nos podemos resignar nem acomodar. O vento do Espírito sopra e exige que nos concentremos em princípios capazes de renovar a pastoral e mostrar a importância da Igreja, aqui e agora.

Recordo, então, o pensamento de S. Martinho: “Prefere que a tua casa seja conhecida pelo dono, não que o dono seja conhecido pela casa” (R.V.V. 4). Neste sentido, Jesus Cristo é o dono desta casa que habitamos: a Arquidiocese. Primeiro, porque foi Ele que fundou a Igreja. E segundo, porque Ele é a “luz dos povos”<sup>1</sup>, orientando-os para a íntima comunhão com Deus.

Por isso, S. Martinho de Dume ainda pode trazer inúmeras considerações à nossa Arquidiocese, enquanto casa que manifesta a identidade do seu dono (Cristo).

Ora, sabemos que é só na Arquidiocese que se encontra a Igreja, a casa do dono. Acontece, porém, que a vitalidade, como expressão daquilo que ela é e de como vive, **passa essencialmente pelas paróquias** que não têm consistência por elas mesmas. São Igreja, na medida em que se integram no todo duma comunidade diocesana. Daí a importância das mesmas para a

---

<sup>1</sup> cf. LG 1

renovação da Igreja diocesana, neste mundo em permanente mudança. Sem elas, os Programas Pastorais não passam de intenções.

Deste modo, concentrando a minha reflexão nas paróquias e procurando discernir os apelos do Espírito, permiti que vos aponte quatro aspectos para um novo caminho eclesial: comunidade, exterioridade, operadores e comunicação.

### **1 – Uma aposta no comunitário**

A renovação da ação eclesial tem de orientar-se para a comunidade e partir da comunidade. Nesta, o essencial da vida nasce da Palavra como alimento quotidiano para se exprimir na **comunhão** eucarística e existencial, enquanto sinal distintivo de qualquer instituição.

Se outrora, a comunhão era abstracta e teórica, hoje ela não pode ser suposta, mas deve ser gerada e vivida. É verdade que a paróquia “continua a ser vista pelas pessoas como a figura mais conhecida da Igreja pelo seu carácter de proximidade e acolhimento.”<sup>2</sup> Mas ninguém pode ignorar ou ter medo de afirmar que são poucas as verdadeiras comunidades paroquiais.

Desta forma, a comunhão na vida deve conduzir à comunhão na missão através duma convergência de ministérios e movimentos que nunca deveriam agir em responsabilidade isolada. Esta comunhão operativa deve nascer dos Conselhos Pastorais, como nos recorda o Programa Pastoral Diocesano<sup>3</sup>, e expressar-se num verdadeiro agir em corpo como sinal dum amor que une. Caso contrário, multiplicam-se as actividades e os agentes cansam-se e fazem cansar.

### **2 – Olhar para fora**

O Papa João XXIII definia a paróquia como o “fontenário da aldeia”. A aldeia é território e o fontenário lugar onde **todos** se podem dessedentar. Na fidelidade a esta sugestiva ideia, são muitos aqueles que referem que ela deve ser a porta aberta para a rua. Trata-se duma consciência missionária onde todos são acolhidos como pessoas, juntamente com os seus dramas e traumas.

---

<sup>2</sup> Enzo Bianchi e Renato Corti, *A Paróquia*, 64.

<sup>3</sup> cf. *Programa Pastoral 2011-2012* (Diocese de Braga), 15.

Somos espaço de acolhimento e comunhão, e não mera instância legalista de quem impõe critérios que afastam e, muitas vezes, por razões que são meras imposições pessoais.

Como refere Henri Nouwen, “uma comunidade cristã é, por conseguinte, uma comunidade curativa, não apenas porque as feridas são saradas e os sofrimentos aliviados, mas porque as feridas e os sofrimentos se tornam em janelas ou ocasiões para ver com novos olhos.”<sup>4</sup>

Se acolher é abrir a porta ao exterior (mundo) como ele é, teremos de acreditar na *pastoral da itinerância* como arte de ir ao encontro do real e quotidiano, numa capacidade de diálogo humano que pode tornar-se em diálogo religioso, onde anunciamos aquela “Palavra que salva”<sup>5</sup>.

### **3 – A identidade dos operadores**

Esta missão de ir ao encontro do humano é realizada por diferentes operadores. Os tempos exigem dos leigos uma consciência ministerial e dos sacerdotes a sabedoria para acolher aquilo que os cristãos devem realizar. Pois embora haja “diversidade de dons, o Espírito é o mesmo” (1Cor 12,4).

Nesta verdade, ainda não suficientemente aceite, urge reconhecer que esta ministerialidade supõe uma aposta que não é opcional. Trata-se de formar dum modo diferente. Outrora dizia-se **fazer formação**; hoje importa **colocar-se em formação** como atitude e tarefa de todos.

### **4 – Viver para comunicar**

Uma reconversão interna em prol de uma formação a fazer-se, tem um sentido único: a comunidade existe para comunicar algo de substancial e imprescindível à sociedade. Posto isto, emerge a questão: como comunicar com o exterior?

O célebre político Nelson Mandela diz: "Se falares a um homem numa linguagem que ele compreenda, a tua mensagem entra na sua cabeça.

---

<sup>4</sup> cf. Henri Nouwen, *O curador ferido*, 113.

<sup>5</sup> cf. VD 95

Mas se lhe falares na sua própria linguagem, a tua mensagem entra-lhe directamente no coração."

Olhar a vida de S. Martinho de Dume é sinónimo dum reconhecer alguém que foi capaz de transmitir uma mensagem de Deus ao coração do Homem. A sua bibliografia impressiona pela variedade e profundidade dos conteúdos que as universidades estrangeiras estudam muito mais do que nós.

A mensagem é essencialmente a mesma, os contornos podem ser diversos, mas a comunicação tem de tornar-se muito mais expressiva, concreta, teologicamente fundada e, particularmente, direccionada. Porque a luz do Evangelho deve chegar a todas as problemáticas.

Por último, hoje também celebramos a memória do Beato João Paulo II. Como tal, perante esta necessidade de apresentar a novidade de Cristo como dono desta casa, que é a Igreja, permiti que vos leia agora as palavras proferidas por ele há 33 anos:

*"Não tenhais medo! Abri antes, ou melhor, escancarai as portas a Cristo! Ao Seu poder salvador abri os confins dos Estados, os sistemas económicos assim como os políticos, os vastos campos de cultura, de civilização e de progresso! Não tenhais medo! Cristo sabe bem "o que está dentro do homem". Somente Ele o sabe!"<sup>6</sup>*

Que S. Martinho de Dume, celebrado nesta Vigília que já é Dia Mundial das Missões, gere nas nossas comunidades paroquiais a responsabilidade duma missão universal e duma maior comunhão eclesial! Pois só assim "a casa será conhecida pelo dono, e não o dono (conhecido) pela casa"!

Festa do Padroeiro S. Martinho de Dume  
Sé Catedral de Braga, 22 de Outubro de 2011

† Jorge Ortiga, A.P.

---

<sup>6</sup> Cf. A.A.S. 70 [1978], pp. 945-947.